**Nome:** João Paulo Vargas

**Curso:** Desafios Contemporâneos de Missões

**Professor:** Carlos del Pino

**Relatório do capítulo 9 e 10 do livro “Deus amordaçado” de D. A. Carson**

**Capítulo 9 – Mordiscando pela borba: a extensão do desafio**

Carson inicia este capitulo articulando sobre o declínio dos pressupostos judeu-cristãos em uma arena em que a pós-modernidade, principalmente na cultura ocidental, onde concede autoridade para seu inimigo mais voraz atualmente, o pluralismo.

As muitas mudanças deste século segundo o autor estão ligadas profundamente ao surgimento das muitas formas de pluralismo, propondo substituir o quadro que o cristianismo pintou do mundo e das pessoas, com a tentativa de destituir o cristianismo, estão buscando definições para as novas realidades.

D.A. Carson entende que tal caminho resulta em uma comunidade acéfala. Que se agarra as muitas atrações, como esportes, astros de cinemas, que ao mesmo tempo que inspiram, são alvo da oferta controlada pelo controle remoto de nossa televisão.

Até mesmo na democracia que perdura atualmente, perdeu a percepção do bem comum em nome do pragmatismo, e qualquer expressão religiosa levada para atuar exclusivamente no privado, assim a consolidação do pluralismo empírico e a religião levada ao modo privativo, resulta na rejeição de qualquer conceito de autoridade transcendente. A força do pluralismo que invade os vários aspectos da vida dos integrantes da sociedade afeta a questão da liberdade em várias instâncias, não somente religioso, mas questões judiciais e educacionais.

Diante disso, Carson nos leva a pensar que, uma crise de autoridade e de manutenção de questões básicas da vida são instauradas, uma verdadeira pulverização de comando, se Deus não existe, não encoontraram nenhum equivalente metafórico. Um curso natural é reinterpretações criativas, onde varias visões de mundo são propostas.

O pluralismo empirico e filosofico, segundo Olneck deve reconhecer a identidade e reivindicações dos grupos como grupos. Facilitar a coletividade e de sua continuidade e que preservem a diversidade com uma pedagogia que acerque dessa pluralidade. Apela para uma mudança curricular, culminando cada vez mais para uma tribalização na educação e em outras areas da vida social.

Busca de seus proprios valores, transferência de responsabilidade de construção do conhecimento, sendo ele válido ou não socialmente, deve ser aceito por questões de preferencia pessoal, por estar dentro da agenda do pós-modernismo, ou o politicamente correto para a maioria dos grupos sociais.

O conceito de liberdade, segundo o autor, nas linhas do pluralismo, é uma arma para confrontar a religião cristã., entendendo que é inconcebivel qualquer orgão governamental ser guiado ou orientado por um ética com bases de valores transcendentes.

Carson demonstra que gerações anteriores, que tinham uma ética protestante de trabalho, assim os pais trabalhavam e pensavam no acumulo para que seus filhos desfrutassem. No periodo pós-guerra esses filhos, havia trocado de base, inclinando-se para a ética do progresso.

A moral e a ética ficam sujeitos ao individualismo, o impacto do pluralismo filosófico e empírico levou a privatização da religião. E a opinião de si mesmose tornou mais importante, a fonte dos valores morais não são aceitas se forem de um Deus criador que tem autoridade sobre suas criaturas. Assim, a autoridade passa a ser do individuo ou de um grupo que haja acordo entre eles, de modo que, o que é pragmático se tornou prioritário.

**Capítulo 10 – Essa coisa de visão**

Nosso envolvimento com a sociedade deve-se não por que somos salvos, mas por que somos criaturas diante do grande criador, o que nos impele a viver segundo seus padrões. Em questão se tratar do Estado, as diversas posições dos cristãos sobre sua escatologia guiam seu modo de ver o próprio Estado e seu envolvimento, segundo Carson.

O mundo sem o referencial do cristianismo como base em sua cosmovisão, procura cobrir lacunas como o tema da escatologia, a teoria marxista esboçou sua hipótese utópica, baseada em uma escatologia de pequena escala, que não durou muito, e as que restou são pífias. D. A. Carson nos chama para o compromisso com o Deus Juiz, do qual temos de prestar contas.

No caso da democracia, os cristãos estão inclusos por participação obrigatória, como cidadãos legítimos, onde tem suas responsabilidades de se posicionar representando os princípios cristãos, por outro lado, na arena pública, a religião ou o fundamentalismo, como alguns enxergam, não coabita com um governo democrático com plena paz, pois, seus objetivos divergem, a democracia oferece a busca da igualdade, da diversidade, do pluralismo, gerando tensões, sem pensar que cada um dos grupos incluídos no bloco da igualdade divergem em suas crenças, mas não podem convencer o outro grupo, assim, mesmo proclamando a liberdade de todos em nome da liberdade e igualdade, aprisiona a narrativa de cada em uma pequena cela no complexo chamado pluralismo-secularista. De uma certa maneira, o pluralismo empírico sustenta a proposta democrática.

D. A. Carson comenta que apesar de tudo, o fato de cristãos apoiar o modelo democrático, é por que dos demais modelos existentes, é o que mais se aproxima de valores cristãos e até mesmo círculos de outros segmentos religiosos no quesito da dignidade humana. O dilema humano não se resolve com soluções humanas, mas sim divinas.

No âmbito político, seria necessária uma coalisão dos cristãos (incluindo católicos) numa campanha massiva ´para tomar as frentes governamentais e assim amenizar os problemas persistente na nação? Implica Carson. O debate teológico não tem alvos contemporâneos e precisos numa sociedade cada vez mais secularista-pluralista e adota uma linguagem ambígua incapaz de enfrentar de forma substancial o humanismo que alimenta o pluralismo empírico.

Num dos trechos do capítulo Carson percebe que o advento do pós-modernismo veta uma filosofia publica onde possamos imbuir as ideias cristãs, perdendo o centro, o ponto de referência, para ele” ou encontramos um novo centro ou temos de aprender a viver em paz sem um centro. É provável que a última opção degenere em caos ou em totalitarismo moderado ou radical. Daí a urgência de buscar uma nova filosofia pública” (CARSON, 2013, p. 413).

Carson ainda, comentando Guinness, pensa que se for para que a teologia entre no debate, deve seguir um caminho de não buscar vantagens para a religião de cada, e sim, por um pluralismo garantido por lei, que defende uma liberdade religiosa seguindo os três princípios, o direito de crer e praticar qualquer religião ou mesmo de não praticar, a responsabilidade de proteger esse direito a todos, mesmo os mais divergentes, e o respeito dado a todos, apesar de confessar ser sábio tal tomada ideia, admite ser difícil ser praticada, por causa da similaridade criada do termo tolerância com o pluralismo, sendo identificado quase que com a mesma resolução.

Carson em sua argumentação apresenta como o individualismo implícito gerado pelas bases do pluralismo causam mais corrosão social que ajustes, levando a considerar que o problema da autoridade, ou de se ter uma autoridade externa como guia é importante para o debate, em todo caso, é necessário que os limites sejam estabelecidos, mas por quem?

O autor reclama por uma atitude de coragem dos cristãos em invadir as arenas públicas principais, como a política, educação e mídia, de forma pacifica, porem firmes. Carson, diz que mesmo que leis concordem com princípios cristãos, numa democracia, a profundeza do problema é cultural, a exemplo do aborto, se fosse proibido por lei, e houvesse abortos ilegais e mortes de mulheres, seria talvez revogada e a questão toda volta de maneira mais forte e convincente. É necessário confrontar, mas com inteligência e paciência, o apelo é que fujamos do aconchego santo e partamos para o trabalho em todas as frentes, como artes, ciência, tecnologia dentre outras.

Em ações pequenas como justiça na economia e escolas cristãs confessionais, são exemplos de manter a influência, mas a missão da igreja nunca é um preparo para esta vida terrena e sim eterna, não esquecendo que a mensagem que nos leva para a vida eterna, transforma a vida atual juntamente com a sociedade a volta, perguntando sempre quais pressuposições nos cercam e responder com compaixão com o estandarte do evangelho que proclama a restauração.